

BREVE ENSAIO SOBRE O SAGRADO E O PROFANO NA FESTIVIDADE DE IEMANJÁ:

PRAIA DO MEIO, NATAL - RN

Patrícia Santos FAGUNDES (1); Ian Bruno Mendonça TAQUARY (2)

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Rua Crespo Bezerra, 1864, Quintas, 59035140, Natal - RN, tel.: 84-88121480, e-mail: dzamares@gmail.com

(2) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, e-mail: ib.taquary@bol.com.br

(3) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, e-mail: patriciafagundes@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo visa analisar a festividade de Iemanjá que ocorre anualmente na Praia do Meio, localizada no município de Natal, Rio Grande do Norte, sob as perspectivas da Geografia Cultural., ramo da Geografia que estuda as manifestações da cultura no espaço. Considera para tanto a criação de um espaço sagrado em tal espaço essencialmente profano durante o curso do ano. Tal evento religioso apresenta-se como uma das inúmeras tradições culturais da cidade que tem por característica a predileção por certos espaços geográficos, fato este capaz de propiciar o desenvolvimento de atividades econômicas na área onde o evento se desenvolve, bem como movimentações populacionais locais e turísticas. Por tais motivos escolheu-se a referida festividade acreditando-se ser esta um interessante meio de se observar as mudanças que um acontecimento religioso pode provocar ao seu entorno espacial. Para tanto, foram elaborados levantamentos bibliográficos em periódicos e livros da área, entrevistas a moradores e comerciantes cujos estabelecimentos se localizassem próximos a referida praia bem como registro fotográfico de momentos antes e durante o acontecimento. Conclui-se com a pesquisa que o espaço onde se desenvolve a referida festividade é marcado por símbolos culturais, como uma imagem do orixá Iemanjá, cuja presença ao centro da praia tem atraído fiéis de diversas religiões, dentre as quais se destaca a católica e as denominações espirituais afro, que se deslocam inclusive de outros municípios para a celebração de um novo ano, com as bênçãos de sua divindade. Conclui-se ainda que o referido espaço passa por transformações não características de outras épocas do ano, aumentando nesta o índice de presença turística e de atividade do comércio informal, caracterizado por ambulantes e outros pequenos comerciantes.

Palavras-chave: festividade, cultura, Praia do Meio.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa mostrar as transformações que ocorrem no espaço através da festividade à Iemanjá, percebendo-a como uma ruptura do cotidiano e considerando as manifestações sociais, culturais e econômicas, durante a festividade. Bem como o significado que tem para a vida das pessoas que participam e a maneira como ela se articula com a vida das pessoas que a têm como marca de fé. Essa discussão que nos propomos a fazer é reflexo acerca dos conhecimentos apreendidos durante a conclusão da disciplina de geografia cultural no curso de licenciatura plena, onde procuramos analisar a natureza simbólica das festas, lançando um olhar científico à festividade do orixá Iemanjá na comemoração do dia trinta e um de dezembro, assim como a dinamicidade do espaço e as relações entre sagrado e não sagrado.

Essa festa que acontece todos os anos na Praia do Meio, localizada na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, durante a virada do ano, tem a participação de diversos centros de umbanda e até mesmo de indivíduos de outras religiões, onde se reúnem em uma mesma localidade, a Praia do Meio, próximo a imagem de Iemanjá, para um ritual de agradecimento e pedido de boas energias para o ano que está chegando. Esta festa é marcada por muitas práticas devocionais, práticas estas que unem e separam, ao mesmo tempo, indivíduos em um espaço comum, assim como é marcada por uma multiplicidade de significado e importância já que cada sujeito tem uma percepção diferente. Segundo Rosendahl (2003), é justamente nesses tipos de espaços se estabelecem as diferentes visões de mundo, de aceitação e de compreensão dos elementos que permeiam a festa em análise: fé, religiosidade, devoção, diversão e interesses individuais, pois, para a estudiosa (op. cit), os lugares onde fé e festa se mesclam são espaços reivindicados pelos próprios sujeitos que os têm como presentificação do ser e do estar no mundo. Por isso, certos elementos que compõem a festa, na maioria das vezes, acabam despercebidas aos olhares comuns, pois cada um vislumbra a festa e os vários espaços envolvidos à sua maneira, o que acaba fragmentando os olhares e a forma de experimentá-la (Katrib, 2004).

Iemanjá é um orixá da religião Umbanda, uma religião que tem suas origens na África e que chegou ao Brasil juntamente com o povo africano que vinha durante a colonização para servir de mão-de-obra aos latifundiários. Devido às suas condições de escravos e por estarem em um país católico, eles eram obrigados a serem cristãos e sendo assim, só podiam cultuar os santos da igreja católica. Então, para manterem sua religião viva e não serem castigados por cultuarem outras divindades que não fossem os santos eles transferiram os seus orixás para imagens de santos do catolicismo. Por isso até hoje em dia se comemora o dia dedicado à Iemanjá, em dois de fevereiro, data que se celebra concomitantemente o dia de Nossa Senhora dos Navegantes, uma vez que eles transferiram este orixá à imagem de tal santa católica. A escolha desta santa pode ser explicada pela proximidade de significado entre estas duas imagens pois esta é considerada como protetora dos mares e assim pode proteger os homens que se arriscam em alto mar, principalmente durante as grandes expedições, e Iemanjá é tida como o orixá das águas, uma vez que cada orixá representa um elemento da natureza.

Apesar de haver este sincretismo e de muitos considerarem o dia de Iemanjá como dois de fevereiro muitas pessoas se unem para comemorar no dia trinta e um de dezembro e é a esta data que ocorre a referida festividade na Praia do Meio. Durante a pesquisa percebeu-se que essa comemoração é secular, pois, inicialmente apenas os umbandistas participavam, no entanto com a intensificação esta comemoração se difundiu e hoje pessoas de diversas religiões prestigiam e participam, pois ela está enraizada nos indivíduos e tem o poder de modificar toda a espacialidade do lugar, aglutinando pessoas de diversos locais que vêm em busca desta festividade. Em virtude disto esta festa passa a ser incentivada pela cidade, passando a fazer parte do calendário do município o qual cede toda uma infraestrutura e é tido como um ponto de referência para a virada do ano.

Como Eliade (1999) aloca, mesmo tendo um ponto fixo e neste caso se concretiza pela imagem de Iemanjá no local, é importante lembrar que as comemoração vão além deste ponto, este é apenas um ponto de concentração maior, até por estar presente a imagem, mas as comemoração podem e são feitas ao longo de toda a praia, o que seria considerado como o entorno.

2. FESTIVIDADE E MODIFICAÇÕES ESPACIAIS

A festa à Iemanjá que acontece todos os anos na Praia do Meio é repleta de rituais, rituais estes que modificam o espaço em que acontece. Aquele espaço que durante todo o ano é visto apenas como mais uma praia do litoral northeriograndense, no dia trinta e um de dezembro ganha um outro significado. Castro(2000) acredita que as festas mantêm com o cotidiano uma relação de licença poética, sem dele se esquecerem, até porque supõem laboriosos preparativos e meticulosa organização, e dele se afastando temporariamente, introduzindo-nos num tempo especial por meio de elaborada linguagem artística e simbólica.

Grupos de pessoas se unem para este ritual, levando elementos para comporem o espaço, como barcos com flores, perfumes e espelhos, a praia inteira fica repleta de rodas de dança onde em cada uma destas há representantes de centros independentes de umbanda, o que é o mais comum, pois pessoas de outras religiões apenas observam, prestigiam o ritual e alguns fazem suas oferendas a meia noite junto como os demais. Ao longo da praia, também é muito comum se encontrarem buracos na areia com velas acesas ao fundo, bem como as roupas que caracterizam o ritual com cores que remetem a Iemanjá como o branco e o azul, por exemplo. Também nota-se um incentivo à esta festividade por parte da prefeitura municipal de Natal, uma vez que esta monta tendas e palcos ao redor da imagem de Iemanjá, além da iluminação, som e outros elementos que contribuem para a infraestrutura do evento, este já faz parte do calendário do município e é tido como um ponto de referencia para a virada do ano.

A festa, aliás, é tida, para o município como uma das festividades mais tradicionais e atrai turistas e moradores natalenses. Muitas vezes vista pelos próprios moradores e turistas como algo secundário, visto que na cidade de Natal a festividade ocorre não no período comum de outras cidades brasileiras, mas ao dia 31 de Dezembro, alcançado seu auge durante os rituais de passagem de ano. Assim, além das festividades próprias dedicadas à iemanjá, cria-se nesta praia diversas segregações temporais e espaciais, um verdadeiro misto sagrado-profano. O sagrado marcado pelo culto à iemanjá e o profano dedicado ao lazer e à diversão.

Todavia, durante toda a noite os grupos religiosos permanecem no local, começando seu ritual com cantos e invocações ao orixá e quando chega a meia noite, considerado o auge da comemoração, os fiéis vão até o mar, onde fazem suas oferendas para a rainha do mar e lhes dão aquilo que acreditam ser objetos que este orixá gosta, que seria perfumes, batons, espelhos, rosas e outros, como forma de agradecimento pelo ano que se passou e aproveitam ainda para evocarem boas energias para o ano que está chegando.

Pelo que se pode constatar por meio de pesquisa em campo, observou-se que este ritual tem grande importância e é repleto de significação que, como já citado acima, tem ainda um caráter individual, pois cada sujeito vo percebe de uma maneira diferente. No entanto podemos ver que esta comemoração na virada do ano tem a importância para que essas pessoas possam começar o ano bem, com a energia deste orixá e é como se esse fosse o último momento de pagar suas dívidas com esta divindade para se entrar o ano livre, mais leve.

Por essa razão pessoas de vários locais da região do Rio Grande do Norte se deslocam de suas casas para esta festa, interferindo não só ao âmbito cultural, mas também no social, a medida que propicia o encontro de várias pessoas de religiões e culturas diferentes, e no econômico que vai interferir em escala macroespacial, através de hotéis, restaurantes e outros que serão comprados e em escala

microespacial, ao passo que podemos observar o aumento significativo de ambulantes no local da festa, vendendo desde itens alimentares a itens que serão usados nas oferendas.

3. SAGRADO E PROFANO NA FESTIVIDADE DE IEMANJÁ

Para melhor compreendermos a festividade que ocorre periodicamente na praia do meio, torna-se necessário, tendo-se por base uma visão calcada na Geografia Cultural, compreender as mudanças pelas quais o espaço passa, transformando-se e adaptando-se às relações humanas que aí ocorrem, sejam elas econômicas, sociais, ou mesmo religiosas. Dentre as mudanças pelas quais o espaço geográfico passa há uma em especial que muito interessa para o desenvolvimento de pesquisas espaciais que tenham por foco as formas que temas religiosos assumem no espaço, definindo construções de espaços sagrados, tal mudança é modificação e divinização de espaços profanos. Todavia, para a concretização de tal ensejo, deve-se antes ter em claro as concepções e diferenciações dos conceitos de sagrado e profano. De modo geral, pode-se afirmar que o conceito de sagrado está sempre ligado a uma divindade, à realidades etéreas, que fogem a características telúricas. Há pois, no conceito uma separação das experiências consideradas profanas, que não envolvem sacralidade, das experiências sagradas, que visam o contatato com o divino (ROSENDAHL, 1999).

No entanto, o sagrado e profano não se manifestam de modo aleatório, precisando, antes disto, de certas características culturais e espaciais, sendo este último o enfoque da presente pesquisa. A espacialização do sagrado tem contribuído para a construção de espaços sagrados, isto é: áreas geográficas dedicadas ao divino ou ao culto deste, ou conforme definido por Rosendahl (1996, 1997), como sendo um campo de forças e de valores capaz de ligar o homem para meios distintos da sua sobrevivência. Entretanto, antes de considerarmos o espaço sagrado e sua importância para determinadas crenças, devemos ter em mente sua gênese, seu processo formador. Sem embargo o espaço não "nasce" sagrado, sendo então interpretado desse modo pela sociedade que o usa.

3.1 Praia do meio: espaço sagrado e profano

Mircea Eliade, filósofo das religiões e historiador foi o primeiro a estudar os modos pelos quais o espaço comum, ou profano, é convertido em espaço sagrado. Segundo ele (apud ROSENDAHL, 1999), tal construção se pode dar por dois tipos, sendo que o " [...] primeiro envolve manifestação direta da divindade, uma hierofania, em coisas, objetos ou pessoas. Ocorre a revelação do divino. [...] No segundo tipo, o espaço é ritualmente construído (ROSENDAHL, 1999, p. 233).

No caso específico da pesquisa realizada pode-se entender que o espaço das manifestações sagradas na praia do meio se fez por intermédio da construção ritual do espaço por religiões afrodecendentes como a umbanda, por exemplo, que aproveitaram o espaço praias para as homenagens à orixá Iemanjá. Isto o temos por certo ao constatar que não há provas, entre os moradores de que se tenha manifestado algum tipo de hierofania ou "comunicação divina", como o caso da cidade portuguesa de Fátima, onde se acredita ter-se manifestado uma aparição de Nossa Senhora em 1917.

Quanto aos elementos que formam o espaço sagrado localizado na praia do meio, podemos distinguir, entre os elementos principais: a estátua de Iemanjá, localizada ao centro da praia e a praia propriamente dita. A imagem é o simbolismo maior do sagrado na praia e que está locada espacialmente durante todo o ano, na referida praia, tanto no dia do festejo dedicado a este orixá, quanto nos dias comuns, ou profanos. Símbolo permanente da presença divina na praia. Sem embargo, nos dias da festa a ela dedicada, fiés se reúnem em seu entorno e aos pés da imagem depositam ofertas e orações. Todavia, a imagem é apenas, como afirmado, um simbolismo, pois sem dúvida é ao redor desta que pode o crente realizar suas práticas religiosas e o culto a suas divindades. Por essa via, destaca-se no ambiente apresentado um ponto fixo de simbolismo da crença (a imagem de Iemanjá) e o seu respectivo entorno, o espaço social que agrega fiés (ROSENDAHL, 1999).

CONCLUSÃO

Diante destes elementos e da análise realizada entorno da festividade a Iemanjá, fica claro que existe uma modificação temporal do espaço, espaço sacral temporário, onde pessoas se congregam com o intuito de cultuar a mesma figura, o que não quer dizer que seja com a mesma intenção, nem que tenha o mesmo significado para todos os indivíduos. É através desta modificação do espaço que vamos observar também modificações através de manifestações econômicas de produção e de serviços decorrentes da festa, bem como as sociais, do fluxo de pessoas devido a festividade religiosa. Isso sem esquecer da presença de um espaço multireligioso, que se faz presente de forma visível, uma vez que reúne pessoas de diversas religiões. Em suma, o espaço é transformado para receber todas estas pessoas, durante este dia de comemoração, e ao mesmo tempo é transformado por estas que trazem elementos que compõem e integram a festa, transformações estas que vão além da religião. Esta festa já tem um significado e uma importância para a vida destas pessoas, é uma cultura que já está enraizada.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. **Cultura popular: um olhar sobre a cultura**

brasileira. Brasília: MEC, 2000.

ELIADE, M. O sagrado e o profano. A essência das religiões. Trad: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Trad: Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Minerva/Arcádia, 1952.

KATRIB, C.M.I. **Batuques entrecruzados: A (re) inauguração da vida através da Festa em louvor à Senhora do Rosário de Catalão-GO.** In: OPSIS – Revista do Núcleo Interdisciplinar de pesquisa e estudos Culturais. Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão-GO, vol 4, 2004.

ROSENDAHL, Zeny. O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

_____. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

_____. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **explorações geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.